

Indicando diferenças na prontidão para aprender e nos estilos de aprendizagem*

Addressing Differences in Learning Readiness and Styles

Jonathan Showstack, Ph.D., MPH.¹

*Traduzido, com permissão do autor, pela Profa Ms. Ivana Soares Paim, IFSP Suzano.

¹ Professor of Medicine and Health Policy, Emeritus. University of California, San Francisco

Submetido em 30/11/2015

Aprovado em 2/12/2015

Abstract: There are many different ways to consider the Summerhill School and the philosophy of A. S. Neill's education. My intention is not to add more scholarly data to existing literature on Neill's ideas, but to offer some brief reflections and ideas based on my own experiences and observations..

Keywords: Summerhill. Learning. Experience.

Resumo: Há muitas maneiras diferentes de considerar a Escola de Summerhill e a filosofia da educação de A. S. Neill. Minha intenção não é agregar mais dados acadêmicos à literatura já existente sobre as ideias de Neill, mas oferecer algumas breves reflexões e ideias baseadas em minhas próprias experiências e observações.

Palavras-chave: Summerhill. Aprendizagem. Experiência.

Há muitas maneiras diferentes de considerar a Escola de Summerhill e a filosofia da educação de A. S. Neill. Minha intenção não é agregar mais dados acadêmicos à literatura já existente sobre as ideias de Neill, mas oferecer algumas breves reflexões e ideias baseadas em minhas próprias experiências e observações. Essa experiência envolveu frequentar a Summerhill por um ano, quando eu ainda era um adolescente, e mais tarde, para minha surpresa, ao passar toda minha vida adulta na academia. Focalizo um aspecto da educação que está implícito, mas que possivelmente vá além das ideias de Neill: as diferenças nas maneiras pelas quais cada um de nós absorve e processa informação, particularmente num cenário acadêmico.

Sou professor em uma prestigiada universidade, tenho doutorado em sociologia e mestrado em saúde pública, e verdade seja dita, apesar de amar o aprendizado e a descoberta, nunca apreciei a escolarização formal. Foi meu descontentamento com o Ensino Médio que me colocou em contato com a Summerhill. Meus pais tinham lido e simpatizado com as ideias de Neill, divulgadas no então recém-publicado livro, “Summerhill: liberdade sem medo”. Quando deixei o Ensino Médio, Summerhill parecia uma possível alternativa (pois de minhas várias conquistas acadêmicas, um diploma de segundo grau não fazia parte).

Por que recusei frequentar o Ensino Médio? Até hoje não estou bem certo, embora acredite que tenha compreendido que estava lidando na época, com dois assuntos interligados. Primeiro, tive uma dose pesada de ansiedade e confusão adolescente. Talvez igualmente importante, e não havia compreendido isso até muitos anos depois, métodos de ensino padronizados, palestras específicas e tarefas extenuantes, próprios da chamada aprendizagem linear, foram inconsistentes, sob a perspectiva de serem incompatíveis com a maneira com que aprendo e relaciono informações.

A descrição usual de Summerhill inevitavelmente inclui a palavra “liberdade”, usada positivamente por adeptos à ideia, ou frequentemente

negativamente por oponentes. Mais tarde, Neill explicou sua concepção original de “liberdade” ao adicionar a esclarecedora expressão “sem permissão”, presumivelmente para combater críticas que sustentavam ser suas ideias parecidas com aquela do “bom selvagem”. Quando cheguei a Summerhill, encontrei uma vibrante comunidade democrática, que incluía, um tanto para minha surpresa, numerosas regras, escritas ou não. De várias maneiras, o ambiente social era mais estruturado do que eu tinha previamente vivenciado. Parecia mais a extensão da família do que uma escola.

Talvez perdido em controvérsias sobre o significado e arcabouço do termo “liberdade”, como é aplicado à educação, tenha deixado de perceber que há uma chave, uma ideia implícita: desenvolvimento intelectual e emocional não são tão lineares e congruentes quanto os níveis de ensino e os testes que implicam e demandam. Além do mais, um ambiente ideal de aprendizagem deveria orientar necessidades individuais, talentos e desejos, e ser tão livre quanto possível. O principal objetivo deveria ser aprender num lugar apropriado às necessidades de desenvolvimento emocional, cognitivo e intelectual da criança.

É sabido que as crianças diferem no tempo de seu desenvolvimento intelectual e cognitivo, e que os atuais vastamente disseminados arsenais de ambientes de aprendizagem e seus equipamentos devem se equiparar à oferta de mais oportunidades para uma educação criativa que expresse essas diferenças. A ideia de “estilos de aprendizagem” tem também recebido grande atenção, particularmente com o advento do computador e da educação à distância. O que não é aparente, contudo, é que essas ideias têm sido incorporadas a práticas educacionais para orientar e indicar a prontidão de uma criança a aprender, ou para reconhecer que algumas crianças podem ter, por exemplo, um estilo de aprendizagem mais visual e/ou auditivo.

Levei muitos anos para entender que meu estilo de aprendizagem era visual, e teria preferido adquirir informação por meio da leitura e da prática, ao

invés de ter assistido a palestras e aulas. Para mim, e desconfio que para muitos outros, ler um artigo ou livro é uma maneira muito melhor de explorar evidências e ideias, especialmente por ser um processo que nos permite voltar algumas páginas ou pular para outras seções a fim de rever conceitos relacionados. Eu teria sucedido ainda mais se tivessem me pedido para ler livros, ocasionalmente checar questões com os professores, e ter sido submetido a testes somente quando ambos, professor e eu, concluíssemos que eu estivesse pronto.

Não pretendo afirmar que todas as escolas deveriam se tornar “Summerhills”, mas dizer que é necessário repensar os padrões de estruturação educacional divididos por níveis escolares e idade para que representem um passo na direção de prover um ambiente educacional mais rico e motivador, a fim de que todas as crianças, incluindo aquelas, que como eu, por alguma razão, têm dificuldade em se adaptar ao ambiente da escola padronizada. Sei que há muitos esforços no âmbito da comunidade educacional para melhor assegurar o avanço de uma educação apropriada para todas as crianças. Diria que a grande ênfase deve estar na ideia de que “nenhuma criança deve ser deixada para trás” (que eu endosso e interpreto como um modo de garantir educação adequada para todas as crianças, sem levar em conta que as circunstâncias sócioeconômicas devem ser expandidas para incluir novas maneiras de acomodar diferentes estilos, tempos e meios de aprendizagem).

Claro que o ideal de educar cada criança como um indivíduo único é geralmente considerado muito mais caro do que métodos padronizados, e é bem possível que esses métodos educacionais padronizados sejam apropriados e adequados para a maioria dos estudantes. Para crianças que por alguma razão não estejam ainda prontas ou não sejam ainda capazes de aproveitar o ambiente de aprendizagem padrão, eu desejaria que novas e criativas maneiras de oferecer ambientes de aprendizagem pudessem ser disponibilizadas, mesmo com pequenas adições aos orçamentos vigentes. Desconfio até mesmo que algumas

economias ficariam realizadas com a adoção de computadores e com a implementação da internet, que poderiam ser otimizados e adequados às necessidades individuais de aprendizagem de cada estudante.

Parece provável que alunos com diferentes experiências, bagagem cultural e habilidades, teriam mais vantagem se lhes fossem apresentados seus diferentes estilos de aprendizagem, os quais aumentariam a ideia de prontidão para aprender, uma das centrais contribuições de Neill. Apontar a individualidade do estilo de aprendizagem seria útil para assegurar a possibilidade de que todas as crianças avançassem apropriadamente em seu conhecimento e compreensão do mundo.